



## Fausto Castilho e a teoria da sensibilidade inscrita no *Manual dos Cursos de Lógica Geral* de Kant

Marcos César Seneda<sup>1\*</sup>  
mseneda@ufu.br

**Resumo:** Este texto parte de um problema inusitado: o de que haveria uma teoria da sensibilidade subjacente a diversos problemas explorados na longa parte introdutória do *Manual dos Cursos de Lógica Geral* de Kant. Embora a sensibilidade seja a contrapartida de toda exposição teórica da *Crítica da razão pura*, ela em geral fica obliterada em todos os comentários sobre os cursos de lógica de Kant. Mas esses cursos foram a base da longa trajetória de Kant como professor. Recorrendo então à tradução do *Manual dos cursos de lógica geral* feita por Fausto Castilho e às aulas desse mesmo professor sobre o referido texto, procuramos mostrar que essa lógica, enquanto “concluída e acabada”, segundo a descrição de Kant, precisa dar suporte a uma tarefa cognoscitiva não analítica, que pressupõe o incontornável contato do intelecto com a sensibilidade.

**Palavras-chave:** Kant; faculdade; intuição; lógica geral; sensibilidade.

**Abstract:** This text takes up an unexplored problem: that there would be a theory of sensibility underlying diverse problems examined in the long introductory part of *Logic (Logik: ein Handbuch zu Vorlesungen)* of Kant. Although sensibility is the counterpart of every theoretical exposition of the *Critique of Pure Reason*, it is generally obliterated in all commentaries regarding the courses of logic of Kant. However, these courses were the basis of Kant’s long trajectory as a professor. Thus, drawing upon the translation of Kant’s *Logik* by Fausto Castilho, *Manual dos Cursos de Lógica Geral*, and also the Castilho’s classes as a professor regarding the text, we seek to show that this logic, as “finished and complete”, according to the description of Kant, needs to provide support to a non-analytic cognoscitive task, which presupposes the unavoidable contact of the intellect with sensibility.

**Keywords:** Kant; faculty; intuition; general logic; sensibility.

---

1 \*Professor Associado do Instituto de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O autor manifesta seu agradecimento à Fundação Fausto Castilho e à Fundação de Apoio à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) pela possibilidade de se dedicar a esse estudo sobre a teoria da sensibilidade em Kant.

## I

Fausto Castilho dedicou bastante tempo à tradução do *Manual dos cursos de lógica geral* (MCLG)<sup>2</sup> de Kant, que ele chamava, elípticamente em suas aulas, de *Logiquinha* ou *Lógica de Jäsche*, aqui referindo-se ao discípulo encarregado de compilar os textos e anotações reunidos por Kant do curso que mais vezes ministrou durante toda a sua vida acadêmica na Albertina de Königsberg. Dos 268 cursos conduzidos por Kant, 54 foram de lógica, seguidos por 49 de metafísica.<sup>3</sup> Não se trata, portanto, de produção acadêmica ocasional, mas de reapresentação insistente de um curso que devia, de algum modo, estar vinculado de modo orgânico à concepção do filósofo do que era a filosofia. Ainda assim, não se trata de uma obra intencional, mas de um subproduto da atividade acadêmica de Kant, que, por ser de fato “*sub*”, não deixa por isso de ser menos importante, permitindo-nos em certa medida mapear o subsolo da sua atividade profissional. Fausto Castilho expressa isso de maneira lapidar, com toda a contradição inerente ao fato, ressaltando que o MCLG “[...] é feito *para*, mas nasce *dos* cursos de Lógica” (Castilho, 1998, p. XI), ou seja, ele é destinado para uma atividade na qual ele próprio acaba sendo gestado. Essa contradição é, pois, essencial para se entender a gênese obrigatória e não intencional dessa obra concomitante ao teor autoral que nela paulatinamente veio a se sedimentar.

Para os que tiveram contato com a tensão sempre presente nas aulas de Fausto Castilho, não se pode dizer que a escolha desse texto tenha sido ocasional. Por outro lado, também não se trata de um curso exclusivamente técnico, com os fundamentos formais da referida disciplina. Talvez a paixão de Fausto Castilho por esse texto se deva ao fato de Kant também pôr neste curso um investimento iluminista muito mais abrangente. O MCLG está dividido em duas partes. A segunda é – mas não só – uma sistematização da lógica aristotélica, pensada elementarmente como dividida em conceitos, juízos e ilações, e acrescida de uma metodologia. A primeira parte, sem abrir mão do caráter técnico que percorre o texto, apresenta-se, de forma multifacetada, como um curso introdutório mas abrangente de filosofia. Ela devia tornar a filosofia familiar, em seus primeiros fundamentos, aos alunos que ingressassem na Albertina de Königsberg. Mas não é exatamente isso que aconteceu. Com o decorrer do tempo e com o domínio cada vez mais abrangente de Kant sobre o terreno filosófico, esse curso passou a sedimentar as noções dessa disciplina que eram as mais caras a Kant, tornando-se um sutil fio condutor de suas próprias preocupações. Assim, noções capitais do pensamento crítico começaram a migrar para dentro do texto do MCLG, a se desdobrar em suas subdivisões, e a se apoderar de seus escólios e observações.

Deve ter sido essa primeira parte do texto, que ocupa dois terços de sua extensão, quase uma centena de páginas, que atraiu a atenção de Fausto Castilho, que passou a utilizá-lo inicialmente com os alunos ingressantes do Curso de Filosofia. Primeiramente, o texto foi sendo traduzido por partes – e aqui o gerúndio é bem apropriado – e foi

---

2 Como o título *Lógica de Kant*, em sua menção mais direta, pode gerar equívocos em relação aos outros cursos anotados por outros alunos, e como estamos nos referindo o tempo todo a essa tradução de Fausto Castilho, utilizaremos MCLG (1998) para, de forma abreviada, nos referirmos a essa obra traduzida em português. As demais obras de Kant são citadas em conformidade com as regras utilizadas pela *Kant-Gesellschaft*, mantido, conforme de costume, o sistema abreviado para a *Crítica da razão pura*, cujas traduções, nesse texto, são de nossa lavra.

3 Isso se coaduna com o fato de Kant ter aguardado pacientemente a vacância na cátedra de lógica e metafísica na Universidade Albertina de Königsberg, para candidatar-se a uma vaga na qual considerava que poderia estar talhado o seu melhor perfil (cf. Caygill, 2000a, p. xxvi; xxx).

sendo entregueado, digamos, instantaneamente, a cada aula, aos alunos. Depois foi impresso e encadernado em pequenos gomos, na Coleção Primeira Versão, sendo vendido aos alunos, a preços módicos, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Posteriormente, como a tradução do *magister* já tinha devorado, pelas partes prediletas, parte apreciável do texto, Fausto Castilho foi convencido, por pedidos insistentes dos ex-alunos, a integralizar a tradução, a qual ele mesmo se encarregou de digitar, de forma heroica e intrincada, no seu recém-adquirido computador<sup>4</sup>. Publicado inicialmente pela Edufu/IFCH Unicamp, em 1997, como primeiro número da Coleção do Estudo Acadêmico da Edufu, o texto foi incorporado, posteriormente, como primeiro número, igualmente, da Coleção Multilíngues da Editora da Unicamp.

A boa introdução aos estudos filosóficos que a parte inicial do MCLG faculta aos estudantes, ressaltada por Fausto Castilho em sua apresentação desse manual, seria a primeira explicação ou a de superfície para explicar o porquê de um texto tão técnico, e não quase insuperável, mas sim quase mesmo insuportável, ter atraído tanto o interesse do Professor, a ponto de convencê-lo não só a dedicar-lhe atenção, mas a ponto de roubar-lhe o precioso tempo existencial de uma extenuante tradução. *Nota bene*: senhor de vasta e muito precisamente trabalhada erudição, o professor e tradutor Fausto Castilho tinha lastro para atravessar diversas tradições filosóficas, com a possibilidade de aportar onde quisesse. Então somos forçados a nos perguntar: por que justamente se deteve nessa obra, que, antes de ser lida, teria de ser escalada, tamanha a sua ingrata natureza íngreme? Pois quem leva esse texto à sala de aula – como alguns de nós depois o fizeram –, sabe do denodo exigido para atrair a atenção dos alunos, convencendo-os da importância de sua leitura. Então devemos nos perguntar: o que pesou no juízo do Professor para ter elegido justamente esse texto, para, com ele, cumprir a tarefa de conduzir calouros em um curso ainda introdutório à filosofia?

## II

A primeira resposta<sup>5</sup>, dada publicamente por Fausto Castilho em diversas ocasiões, ainda persiste válida. De um lado, ela envolve a concepção, um tanto polêmica, de que Kant forçosamente integraria “o elenco daquela dúzia de modernos – seu número supera de fato o dos dedos das mãos? – de que nunca prescinde o atual estudo acadêmico de Filosofia [...]” (Castilho, 1998, p. XI). Desse modo, o estudo do MCLG se justificaria pelo fato de que a obra contempla noções centrais de filosofia que perpassaram o estudo filosófico e ainda resguardam força para impactar o estudo acadêmico em nossa atualidade.

4 Vale a pena recuperar esses passos, em sua concretude, porque eles não são aleatórios, mas traduzem fielmente um método de trabalho da preparação das aulas, que pode ser facilmente reduplicado para se conceber a execução de vários cursos ministrados pelo Professor. Escolher um grande texto por sua função propedêutica, vertê-lo para o português, confrontar o texto traduzido com o original e atrair a mente do aluno para dentro da oficina de tradução são tarefas que marcavam metodologicamente a maior parte dos cursos ministrados por Fausto Castilho. Esse era o suporte técnico, que dava sustentação firme e segura para as acrobacias incogitáveis realizadas pelo *magister* em suas também imponderáveis aulas. Essas eram, de fato, uma experiência pedagógica sempre inusitada para o aluno: este podia ter o texto em mãos, podia tê-lo lido, conhecia o percurso argumentativo de antemão, mas ainda assim as aulas eram imprevisíveis.

5 Na “Apresentação” (F. CASTILHO, 1998, p. XI-XIX) que escreveu para essa tradução, Fausto Castilho apresenta três razões para se lançar mão do MCLG em um curso de graduação, fazendo valer seu caráter introdutório e propedêutico. Tomando-as como ponto de partida, não são exatamente elas que passamos a desenvolver nos comentários, nem sua sequência será observada nas considerações que se seguem.

A segunda resposta tem um caráter bem mais técnico, mas de grande perspicácia heurística. Reportando-se à distinção entre o conceito de filosofia na escola (*Schulphilosophie*) e o conceito de filosofia no mundo (*Weltphilosophie*) (Castilho, 1998, p. XV), ambos de lavra do próprio Kant (Log AA 09: 23), Fausto Castilho faz a distinção prolífica entre os conceitos que vão sendo tecnicamente gestados na escola e a obra que autor entrega ao público.<sup>6</sup> O próprio Kant dá lastro a essa interpretação, ao afirmar que, estilisticamente, devemos cuidar “[...] para que a vestimenta dos pensamentos esteja disposta de modo que não se veja o esqueleto, isto é, o que tal perfeição tem *de escola e de técnica* – assim como as linhas em que se escreve são traçadas a lápis e depois apagadas [...]” (Log AA 09: 48). Ou seja, Kant entende que a perfeição de escola deve ficar subjacente à obra do autor, sem necessariamente ter de manter-se visível para o leitor. Reportar a obra à escola significa, nesse contexto, colhê-la em sua gênese, e reter a terminologia, como diria Kant, em sua rigorosa conformidade com um fim (Log AA 09: 47). Entregada ao público, as mediações se encurtam e a obra se concentra mais na resolução de um problema do que no suporte técnico sobre o qual se opera a tentativa de solução. Essa tensão do ir e vir entre a escola e o público é bem característica da obra kantiana, e é um índice claro de suas preocupações iluministas. No caso de Kant, essas preocupações poderiam ser ditas cosmopolitas, pois Kant insiste em que a filosofia deve ter um destino fora da escola, e o designa como conceito de filosofia no mundo. Ou seja, a escola, nesse sentido, conforma o apuro técnico de uma disciplina que deve ser “[...] a ciência dos fins últimos da razão humana” (Log AA 09: 23). Portanto, Kant insere em uma obra de escola a apreensão com o fato de que ela deve preparar uma filosofia que deve fazer face aos problemas que se encontram fora da escola, e que têm de ser resolvidos com os instrumentos da escola, mas mediante o auxílio do uso acessível e público da razão.

No caso de Kant, Fausto Castilho bem chama a atenção, há a produção de uma filosofia de escola codeterminada circunstancialmente pelo papel que a universidade deveria desempenhar no seio da sociedade alemã. Como o Estado controlava rigidamente essa função, Kant foi forçado a adotar manuais para conduzir suas aulas. Acerca disso, Fausto Castilho observa: “Naquela universidade doutrinária do século XVIII, a aula é ministrada sobre um compêndio, de uso forçoso. Ela é ainda entendida como leitura, *lectio, Vorlesung*, ‘lição’ não só de nome mas efetivamente” (Castilho, 1998, p. XII). Como compêndio dessas leituras referenciadas, Kant escolhe o *Extrato da doutrina da razão*, de 1752, de George Friedrich Meier, utilizando-o por “[...] mais de quatro décadas – desde o início de sua carreira acadêmica em 1755-6 até o seu término em 1796” (Caygill, 2000b, p. 219; Verbete Lógica Geral/Transcendental). Uma vez adotado, por certo que esse compêndio viria a oferecer resistência objetiva às novidades, mas de fato não conseguiu conter a mente engenhosa de Kant, que passou a

---

6 H. Caygill (2000a) também revela aguda consciência dessa questão, estruturando toda a sua “Introdução: Kant e a linguagem da filosofia” em torno desse problema, cuja ciência auxilia bastante o estudioso a sopesar o modo de compreender o fato de que obras de diferentes originações tenham podido posteriormente ser acolhidas e alocadas no interior da gama dos diferentes trabalhos autorais de Kant. Fausto Castilho observa que Max Wundt, um reputado kantiano, também se vale dessa terminologia, “[...] *die deutsche Schulphilosophie*, a Filosofia Alemã de Escola”, chamando atenção para o fato de que “essa tradição detém a chave do acesso às obras, onde Kant confronta seus autores” (F. CASTILHO, 1998, p. XV). A expressão *chave de acesso* é aqui bastante elucidativa para se pensar o potencial heurístico que contém as assim ditas obras de escola.

inserir anotações e comentários ao material guia, desfigurando-o ou reconfigurando-o totalmente a partir de sua própria filosofia. Acerca disso, Fausto Castilho observa: “[...] a comparação entre os manuais wolffianos e a dita produção paralela pode abrir uma porta para o que já foi chamado de o laboratório de Kant” (Castilho, 1998, p. XII). Hoje sabemos que essa atividade, designada pelo Professor por “o laboratório de Kant”, ou seja, a obra seminal e ainda não intencional preparada na escola e para a escola, é referência de boa parte da lexicografia de Kant, pois oferece a fonte de gestação de laboriosos termos técnicos não explicitados na obra entregue ao público, retendo ainda a vantagem de manter, por assim dizer, o canteiro de trabalho junto da obra edificada. Um dos escopos da aula, trabalhando com o texto em tradução, era atrair o aluno para o interior desse canteiro, com o fito de que se assenhoreasse dos instrumentos ali disponíveis e passasse a dimensionar o edifício por dentro.

Temos aqui as razões objetivas propostas pelo *magister*, circunstanciando a escolha em defesa do aluno ingressante que deveria tomar contato com a obra. Mas a questão persiste, pois poderíamos inquirir, de um ponto de vista subjetivo, sobre o que teria movido o Professor a traduzir aquela obra, ou seja, poderíamos ainda indagar qual foi o apelo filosófico que conduziu Fausto Castilho a frequentar esse texto. Heuristicamente – é essa a hipótese de leitura aqui examinada – diríamos que foi a separação kantiana radical entre sensibilidade e intelecto, que permitia a Fausto Castilho comentar e sobretudo problematizar não somente o texto de Kant, mas também a filosofia moderna e seus outros sistemas filosóficos.

### III

Como se trata do pensamento de um filósofo, Fausto Castilho, e como esse pensamento está delimitado por notas colhidas em sala de aula, não há como seguir adiante sem se apoiar nesse registro, que dos caminhos com os quais nos deparamos é o mais objetivo e, nesse caso, o único disponível para nos dar acesso direto às suas reflexões.

Tomemos, portanto, a anotação de uma de suas aulas com esse texto do *Manual dos cursos de lógica geral* (Castilho, 1999)<sup>7</sup>. Aqui percebemos claramente a leitura premeditada da *Lógica de Jäsche*, que só para os alunos, que eram rasos na profundidade filosófica, estava limitada à superfície do próprio texto examinado. O Professor começava a aula observando que a segunda parte da referida lógica estava dividida em I. Doutrina Geral dos Elementos e II. Doutrina Geral do Método – o que é uma observação muito usual. Na sequência, o Professor passava a comentar o arco longo dessa divisão, e observava que a *Crítica da razão pura* também está dividida em Doutrina Transcendental dos Elementos e Doutrina Transcendental do Método, destacando a oposição entre o geral e o transcendental – aqui já se trata de um apontamento bastante inusual. Ou seja, comentando o MCLG, o Professor queria indicar para os alunos não só a separação entre os dois textos, mas principalmente a distância que instaura os dois ângulos de visão, um que qualifica a lógica de geral e outro que a qualifica de transcendental, ou seja, não como doutrina que diz respeito, em comum, a toda a parte superior das faculdades, mas como teoria exclusiva do

7 A partir desse momento, teremos de recorrer às “Notas de aulas sobre o *Manual dos Cursos de Lógica Geral de Kant*”. São anotações não publicadas, referentes às aulas para os ingressantes do Curso de Filosofia, oferecido pelo Departamento de Filosofia do IFCH da Unicamp no período letivo de 1999.

intelecto. E a contraposição com o conteúdo da sensibilidade era imprescindível para se conseguir fazer isso. Seguiu-se uma divisão na lousa com todos os temas da Analítica Transcendental e da Dialética Transcendental. *Nota bene*: a aula era para iniciantes, e sobre a Lógica Geral. Por que esse deslocamento? Ou seja, porque estávamos saindo do texto-guia? O fato é que todas as aulas de Fausto Castilho sobre o MCLG eram invadidas pela oposição entre lógica e estética, e a estética aparecia com essa força nebulosa que luta contra o intelecto em sua ânsia de instauração do real.

O Professor sempre se dirigia para a bifurcação: “a Lógica Geral é formal. Não está interessada no conhecimento, mas na operação seja qual for da inteligência<sup>8</sup>” (Castilho, Notas de aulas, 29/03/1999). Essa distinção apoia-se na separação entre conhecimento e pensamento (para a qual Kant substantiva o verbo: *das Denken*, ou seja, o pensar). Acompanhando o comentário dessa obra, poder-se-ia dizer que a Lógica é *Geral* porque o pensamento esgota todas as atividades do sujeito pensante, sem distinção de objetos (Stuhlmann-Laeisz, 1976, p. 05-06).<sup>9</sup> Isso ressaltaria o lado formal da lógica. Mas para quem pode hoje reler o curso sobre a Lógica de Jäsche para colher o seu fio condutor, a definição inicial fica deslocada por outro forte interesse que recorta todas essas aulas, a saber, sempre cotejar o pensamento com o conhecimento. Essa era uma das chaves de leitura, aliás, muito fecunda, de Fausto Castilho. No início de uma das aulas, o Professor observava: “A *Crítica da razão pura* se interessa pelo conhecimento, então, ao invés de ser formal, ela vai ser material. Vai se interrogar pelos objetos do conhecimento. Por isso, ao lado de uma Lógica Transcendental, vai se ter uma Estética, porque vai ter que se explicar o funcionamento da sensibilidade” (Castilho, Notas de aulas, 29/03/1999). O conhecimento sempre depende da junção de uma irreduzível heterogeneidade. E isso se torna um grande problema da reflexão de Kant: o pensamento encerra em si uma autonomia absoluta que, ao cabo, precisa recorrer a outra faculdade para inteirar o processo do conhecimento. Ou seja, essa autonomia, bem resolvida por estar encerrada em si própria, é lacunar quando associada ao ato de conhecer. Fausto Castilho sempre se dirigia para a questão-problema posta pelo autor: “Em Kant você só conhece se você compõe as faculdades, ao passo que pensar você pensa com uma faculdade só” (Castilho, Notas de aulas, 29/03/1999). Talvez o Professor não principiasse pela *Crítica da razão pura* porque, muito ao contrário do que possa parecer, ali a divisão é dogmática. A estética já ocupa seu lugar delimitado e desempenha um papel indiscutido na ordem da síntese, fornecendo os elementos das formas puras da sensibilidade que condicionarão todos os fenômenos (*Erscheinungen*). Já a Lógica Geral, como tinha apontado o Professor no início da aula, era formal, por isso, deveria se isolar das questões postas pelo conhecimento. Desse ponto de vista, o MCLG é um texto muito

---

8 *Inteligência*, nesse caso, é termo com uso genérico, designando todas as operações formais das faculdades superiores. Note-se que o Professor insistia no étimo ao se apropriar dos termos alemães por intermédio do latim. No decorrer dessas aulas, bem ao contrapelo das traduções disponíveis, Fausto Castilho traduzia *der Verstand* por *o intelecto*, e insistia no equívoco que seria traduzir esse termo, como comumente ocorre, por *o entendimento*. Fausto Castilho alegava, partindo do étimo, que *entendimento* é ato e não *faculdade*, a qual seria o designativo do termo em alemão. Por isso no decorrer das aulas, quando precisava descrever os atos da faculdade superior em geral, referia-se à *inteligência*.

9 R. STUHLMANN-LAEISZ secciona a Lógica Geral, dividindo-a em uma disciplina que pode ser concebida do ponto de vista subjetivo e do ponto de vista objetivo. Do ponto de vista subjetivo, ela conteria todas as operações do sujeito pensante em geral, abarcando, sem distinção de objetos, todas as operações do intelecto e da razão. É isso que permite a Kant dizer que a lógica deveria ser um cânon dessas duas faculdades, isoladas justamente desse ponto de vista.

mais crítico, porque deveria ser formal – e esse deveria é aqui muito expressivo –, mas acaba sendo literalmente invadido, assim como as aulas de Fausto Castilho, pelas tarefas problemáticas da sensibilidade, que é incontornavelmente material. Essa é uma tarefa heurística exemplar: isolando-se estritamente o pensamento, descobre-se o quanto ele deve ser restringido e criticado para poder se lançar na empresa do conhecimento.

A Lógica Geral, portanto, é obrigada a acolher os elementos da sensibilidade que não podem ser contidos nem mesmo pelo rigor da exposição de um curso que Kant ministrava praticamente todo semestre e dominava extremamente bem. Frequentando o MCLG, o que Fausto Castilho acabou percebendo bem, mais do que ninguém, é que ao lado de uma teoria da lógica, exposta na rica e expandida “Introdução” que dá sustentação ao texto, acabou se formando também ali uma insuspeitada teoria incontida da sensibilidade, pois ela era tão inerente ao sistema, que o próprio Kant somente conseguia separá-la de modo artificial, em uma exposição – digamos com todas as letras, para o protesto dos kantianos convictos – dogmática como a da *Crítica da razão pura*. No MCLG não há a exposição de uma teoria da sensibilidade que já estivesse resolvida previamente, mas uma invasão das tarefas da sensibilidade que a exposição lógica, ainda que rígida, não consegue conter. É dessa incontidência que a exegese de Fausto Castilho se apodera. Signo indelével dessa percepção é o seguinte comentário dessa mesma aula, inserido no contexto de simples observações sobre as representações intuitivas, e que anotei, à época, sem ter a mínima condição de estimar o lastro que ele comportava: “Sempre vai haver o problema de colocar uma intuição dentro de um conjunto ao qual ela não pertence. Esse é um problema que acompanha todo o conhecimento” (Castilho, Notas de aulas, 29/03/1999). Nesse comentário elíptico e preciso, se concentra toda a problemática kantiana da distinção entre conhecimento e pensamento; e ainda se explicita concisamente a tarefa ingrata do conhecimento, que tem de tornar congruente a forma com uma matéria que lhe é avessa. Esse era o modo do Professor nos lançar de encontro à heterogeneidade dos hemisférios, que obriga o intelecto a se apropriar da sensibilidade com soluções frágeis e provisórias, sempre impróprias para se alcançar aquilo que dele se separa radicalmente. É essa aludida impropriedade de se ter “de colocar uma intuição dentro de um conjunto ao qual ela não pertence” que vai indicar nossa natureza como finita e que vai tornar infinita a tarefa progressiva do entendimento.

Esse era um dos temas prediletos de Fausto Castilho, a cisão do sistema no equador, separando lógica e estética, e todos os problemas que decorriam dessa divisão radical e indevassável. Em outra aula, comentando provavelmente as passagens que se seguem a V Seção da “Introdução” (Log AA 09: 35 ss.), o Professor indicava três distinções entre os hemisférios. Ali Kant afirmava que “todos os nossos conhecimentos são intuições ou conceitos”, e prosseguia com uma distinção preliminar entre os dois hemisférios. Fausto Castilho observava: “A distinção de intuição e conceito pelo imediato e pelo mediato, pelo direto e pelo discursivo, é uma distinção, diz Kant, meramente lógica” (Castilho, Notas de aulas, 05/04/1999). Essa era a primeira distinção.

Na sequência, o Professor recuava e abria o ângulo de análise, para considerar essa questão do ponto de vista do conhecimento: “Mas essas faculdades, sensibilidade e intelecto, podem ser consideradas *fora da lógica*” (Castilho, Notas de aulas, 05/04/1999), acrescentava. Notemos que Kant jamais usava a expressão “*fora da lógica*”, ela é de

inteira lavra de Fausto Castilho, e traduz muito da reflexão que o acompanhava nessa aula. Kant dizia que essa distinção era metafísica, tomando a sensibilidade por sua receptividade e a inteligência<sup>10</sup> por sua espontaneidade. O comentário a seguir mostra que havia – por assim dizer – matéria de representação na sensibilidade e na inteligência, as quais se adequavam de modo mais ou menos apropriado à forma lógica do pensamento. E essa apropriação seria fortemente vinculada, na sequência, de modo mais claro do que Kant o fazia, à noção de perfeição. Mas nos detenhemos agora no comentário sobre a matéria de representação. Seguiu Fausto Castilho: “Uma faculdade que, para produzir representação, no caso, a cor, depende de uma afecção anterior, é dita receptiva. Receptiva porque simplesmente acolhe a afecção que é produzida independente dela” (Castilho, Notas de aulas, 05/04/1999). Sobre o hemisfério superior observava: “Espontaneidade quer dizer o ato que surge da própria faculdade, é a própria faculdade que gera a sua representação. A inteligência é espontânea, ela não é passiva. Ela não fica esperando que a representação se produza independente do seu ato, independente do seu funcionamento. Ela é, portanto, ativa” (Castilho, Notas de aulas, 05/04/1999). Essa era a segunda distinção. E Fausto Castilho acrescentava: “Para se chegar à distinção ativo/passivo é preciso *sair da lógica* e entrar no que Kant chama de metafísica” (Castilho, Notas de aulas, 05/04/1999). Novamente encontramos a mesma forma de expressão, a saber, “*sair da lógica*”, e poderíamos completar: “*sair fora da lógica*”. Isso mostra a percepção do Professor de que o domínio das operações lógicas era assediado por representações não-lógicas, as quais a lógica tinha dificuldade de submeter às suas relações formais.

Assim como uma partitura admite leituras marcadamente distintas, a ponto de distinguirmos diferentes estilos dos executantes, também em relação ao mesmo texto, o do MCLG, poderíamos aplicar esquema similar. Dessa maneira, a aula de Kant aparece como serenamente clássica. O texto do MCLG é um conjunto de subdivisões, ou melhor dizendo, uma sequência obsessiva de bifurcações. Mas todos os termos divididos recebem o mesmo peso da atenção e do comentário do autor. Kant procede de maneira assertiva, segura, como se todas as divisões pertencessem naturalmente ao assunto em exposição. Seu aluno assiste placidamente à sua aula, admirando-se do seguro domínio do professor em terreno tão labiríntico. Já o comentário de Fausto Castilho é tempestuosamente romântico. Todas as subdivisões são submetidas a questões maiores, pelas quais começa a se revelar uma acidentada topologia do texto. Tudo é tensão. Os hemisférios antagonizam, as representações se digladiam, e o intelecto entra em luta agônica com a sensibilidade. Assim, na sequência das duas distinções apontadas acima, o Professor colocava em questão a cisão entre faculdade superior e inferior, que estava na base da divisão dos hemisférios, e comentava: “Por que a noção de matéria pertence à inferioridade? Das três distinções a menos satisfatória é essa” (Castilho, Notas de aulas, 05/04/1999). E acrescentava, em tom crítico: “Kant não diz a que disciplina pertence esta distinção – entre superior e inferior” (Castilho, Notas de aulas, 05/04/1999), mostrando claramente o seu descontentamento com a

---

10 *Inteligência*, conforme já frisado, é termo genérico para designar todas as operações do intelecto e da razão. É bom salientar isso, porque o próprio Kant dá margem a equívocos, nomeando, em sentido genérico, as faculdades superiores ora por intelecto ora por razão, ou, querendo ser explícito, frisando as duas na mesma passagem, por exemplo, ao referir-se à Lógica Geral “como cânon do intelecto e da razão[...]” (Log AA 09: 13). Fausto Castilho resolvia isso com um termo só: as operações da *inteligência*.



solução de superfície do autor estudado. Essa era a terceira distinção apontada no texto, e percebemos o visível prazer recôndito do professor em desorientar os alunos, apontando o terreno acidentado de algumas bifurcações e o fato de conduzirem a abismos insuspeitados e, alguns, intransponíveis.

Apresentadas as três distinções, Fausto Castilho começava a explorar o ânimo, agora irreduzivelmente dividido, e prosseguia em tensão crescente. Em primeiro lugar, afirmava que “não há continuidade entre as representações” (Castilho, Notas de aulas, 05/04/1999). Em segundo lugar, ressaltava que “a descontinuidade entre as representações se encontra no equador” (Castilho, Notas de aulas, 05/04/1999). Em terceiro lugar, pondo Kant na elocução da aula, afirmava que o autor estaria “dizendo que o que pertence às representações de um hemisfério não se encontra de modo algum nas representações de outro hemisfério” (Castilho, Notas de aulas, 05/04/1999). Segue-se um comentário elíptico, que pode ser erro de anotação ou pertencer ao lado heraclítico de Fausto Castilho. O Professor destacava: “Esse tema está ligado ao fato de que por experiência eu não chego à metade” (Castilho, Notas de aulas, 05/04/1999). Calculo que precisei de mais duas décadas de frequência do autor para hoje poder interpretar essa afirmação. Possivelmente, Fausto Castilho estava tentando exprimir o fato marcante do a priori e do transcendental. Ou seja, a experiência, tomada em sentido forte, ontológico, não contém nem as condições de sua apropriação nem os limites dessa apropriação. O homem, definido enquanto ânimo, se encontra no trânsito, a linha divisória das duas metades não se encontra nele nem pode ser detectada por experiência. A tão desejada demarcação das condições de aprioridade se encontra num produto que não pode ser apreendido integralmente. O comentário lembra um pouco a Introdução da edição A da *Crítica da razão pura*, “Ideia da filosofia transcendental”, de 1781, texto de forte tensão, e que Kant substituiu posteriormente na segunda edição de 1787. Nele, Kant postulava claramente o intelecto como fundamento da experiência. A afirmação inicial desse texto retratava bem isso: “Experiência é, sem dúvida, o primeiro produto que nosso intelecto (*unser Verstand*) produz [...]” (KrV, A1). O comentário ainda revela o veio fenomenológico do professor, que no início da aula afirmara que a noção de transcendental implica que “onde quer que o homem chegue, é ele que constitui o real” (Castilho, Notas de aulas, 05/04/1999). Para a leitura de Kant, Fausto Castilho trazia todo o seu arcabouço fenomenológico, por isso lhe interessava a radicalidade da originação que está posta no âmago do próprio homem. Ou seja, o conhecimento objetivo da experiência não se encontra nem no homem nem na experiência, mas nas condições e limites do ânimo e, inclusive, no modo pelo qual se opta por fazer a instauração da possível objetividade.

Em relação a isso, o Professor acrescenta: “A perfeição lógica, que repousa no intelecto, depende de um acordo entre a representação e o seu objeto. Isso se chama verdade: o acordo entre a representação e o representado. Esta noção de acordo é extremamente complexa, mas nós dependemos deste enunciado que é meramente nominal. Ele indica apenas o fenômeno da verdade, ele não cuida diretamente da verdade, que exige um conhecimento do que seja o acordo” (Castilho, Notas de aulas, 05/04/1999). Esse comentário acentua o problema do jogo entre os dois hemisférios. Em primeiro lugar, porque não há uma única possibilidade de acordo, mas diversas possibilidades de acordo, e, desse ponto vista, o conceito de verdade perde sua unidade, sendo retido muito mais em seu aspecto metodológico. Em segundo lugar, porque esse recontro depende, de um lado, das representações que eu já tenho, puras e a priori, e por isso completamente independentes da experiência, e, de outro, daquelas

que lhes são heterogêneas, que eu ainda não tenho, e que só podem ser obtidas pelo acesso a uma empiria não originária, ou seja, já semiordenada.

Na sequência, Fausto Castilho explicitava ainda mais isso, comentando aproximadamente o seguinte: “O hemisfério de cima permite que eu tenha acesso à ciência, e, no entanto, eu não posso prescindir do hemisfério de baixo” (Castilho, Notas de aulas, 05/04/1999), porque a noção de conhecimento implica que o caráter lacunar ou impróprio de uma perfeição será preenchido pela outra, ou seja, se cada uma for tomada por si, ela se mostra inapta para a execução da sua tarefa cognitiva. O próprio Kant estrutura boa parte da Introdução do MCLG a partir da divisão entre perfeição estética e perfeição lógica, e percorre uma exposição minuciosa para indicar como elas são radicalmente distintas e metodologicamente incompatíveis – sabemos que o ensinamento sobre essa contraposição percorre a maior parte dos seus textos. Fausto Castilho explora a tensão máxima desse comentário, salientando que as representações estão aprisionadas dentro de seus hemisférios, que elas não conseguem trafegar pelo equador, e que elas são senhoras de uma perfeição graduada que se finda dentro de cada hemisfério. Ou seja, Kant cindiu até o conceito de perfeição. Nesse ponto, em particular, a aula de Fausto Castilho era mais elucidativa do que a que temos registrada de Kant, porque ele explicitava a questão, como indica o comentário a seguir: “Uma perfeição, é, portanto, um conceito relativo nos seus graus inferiores ou intermediários, e um conceito absoluto no seu grau máximo. O conceito de perfeição vem da filosofia grega e sempre apresentou essa dificuldade: que eu posso tomá-la ou no seu grau maior ou nos seus graus inferiores” (Castilho, Notas de aulas, 05/04/1999). Essa noção, que percorre a longa “Introdução” da Lógica Geral, é de fato um complicador, porque Kant precisa seccionar, de modo muito mais cuidadoso do que a maioria dos modernos, a inteligência e particularmente a sensibilidade, para graduar tanto os acordos possíveis entre as faculdades, quanto as respectivas adequações entre as representações, que dariam conteúdo semântico ao multívoco conceito nominal de verdade. E isso abre a possibilidade, inclusive, para que “o que é intelectualmente perfeito [possa] estar em conflito com o esteticamente perfeito. Por quê? Por causa do funcionamento da inteligência e da sensibilidade. O intelecto procura ser instruído, a sensibilidade quer ser animada” (Castilho, Notas de aulas, 05/04/1999). Fausto Castilho punha esse conflito no centro da problemática, para acentuar a falta de congruência entre as noções de pensamento e conhecimento. Para quem vem de uma tradição em que a perfeição era pensada como algo graduado mas uno, aqui se defronta com um ser cindido em dois hemisférios, separado por duas raízes de perfeições que podem, a partir de agora, ser espelhadas, transitadas e correlacionadas, mas jamais tornadas unas em sentido forte. Essa cisão era a marca mais assinalada da finitude do homem no interior do sistema kantiano, e podemos perceber, na leitura tensa do autor, que era justamente por ela que Fausto Castilho se interessava.

Outro apontamento de aula que indica bem isso, também bastante elíptico, é o seguinte: “A filosofia não pode fechar, porque não é só formal, essa é uma grande dificuldade” (Castilho, Notas de aulas, 10/05/1999). Se ela cuidasse apenas do pensamento, então poderia “fechar-se” no contato direto com o puro e a priori, mas como ela tem de pôr os fundamentos do conhecimento, ela depende em grande medida de uma faculdade passiva, que tem de tomar os objetos emprestados da experiência,

ou seja, daquilo que está “fora”. O próprio Kant usa palavras indicativas disso, para indicar que o formal fecha. E diz isso assertivamente – para contrariedade de todos os lógicos – no “Prefácio à segunda edição” (B) da *Crítica da razão pura*, comentando o fato de que “a lógica não pode dar até agora nenhum passo adiante, mostrando, à primeira vista, estar concluída e acabada (*geschlossen und vollendet*)” (KrV, B VII); espantosamente, acrescenta-se, desde os tempos de Aristóteles. Mas dizer que o formal em Kant *fecha* é comentário do fenomenólogo Fausto Castilho. Isso quer dizer que essa ciência, que é absolutamente necessária para todo e qualquer uso da razão e do intelecto, jamais consegue transportar sua necessidade intrínseca para “fora”. O “fora” continua inalcançável para o conhecimento necessário a priori, porque ele não é fechado, mas é “aberto”, e nele o intelecto, que descobre um valioso fio condutor quando fechado em si próprio, se desorienta completamente.

Por isso, em outro apontamento, comentando a sentença da *Aufklärung* alemã, “pensar por si mesmo”, Fausto Castilho alerta: “é meramente profilática, porque não se sabe o que vai resultar dessa máxima” (Castilho, Notas de aulas, 10/05/1999). *Nota bene*, o quão assustador é o comentário. Se o homem é definido pela cisão de duas perfeições, pelo “aberto” e não pelo “fechado”, se a transcendentalidade e a aprioridade não podem dominar o empírico desde dentro, porque existe um “fora” irreduzível ao pensamento, um jogo em que o homem tem de se lançar sem garantias prévias, então essa máxima pode ser apenas um fio condutor para auxiliar heurísticamente a bifurcada e inconciliável finitude humana.

Muito ainda ter-se-ia a dizer sobre a teoria da sensibilidade no MCLG de Kant, conforme submetido à leitura tensa e bifurcada de Fausto Castilho, mas estimo que alguns traços de sua excepcional interpretação ficaram estampados nesse texto. Eram essas aulas desconcertantes e abissais que tínhamos com o Professor. Mas delas – como demandava Sócrates a Protágoras – saíamos a cada dia espantosamente melhores!

### Referências Bibliográficas

- CASTILHO, F.1998. “Apresentação”. In: KANT, Immanuel. *Manual dos cursos de Lógica Geral*. Tradução e apresentação de Fausto Castilho. Edição bilíngüe. Campinas: IFCH-UNICAMP; Uberlândia: EDUFU.
- \_\_\_\_\_. 1999. “Notas de aulas sobre o *Manual dos Cursos de Lógica Geral* de Kant”. Campinas: [sem editor]. [Trata-se de material não publicado, relativo às aulas destinadas à graduação, proferidas no IFCH da Unicamp no ano de 1999].
- CAYGILL, H. 2000<sup>a</sup>. Kant e a linguagem da filosofia. In: \_\_\_\_\_. *Dicionário Kant*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário Kant*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000b.
- KANT, I.1923. *Kant's Gesammelte Schriften*. Hrsg. von der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften. Berlin und Leipzig: W. de Gruyter.
- \_\_\_\_\_. 1990. *Kritik der reinen Vernunft*. Nach der 1. und 2. Orig.-Ausg. Hrsg. von Raymond Schmidt. 3. Aufl. Hamburg: Meiner.
- \_\_\_\_\_. 1987. *Crítica da razão pura*. Tradução de Valerio Rohden e Udo Balduur Moosburger. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural.

- \_\_\_\_\_.1998. *Manual dos cursos de Lógica Geral*. Tradução e apresentação de Fausto Castilho. Edição bilíngüe. Campinas: IFCH-UNICAMP; Uberlândia: EDUFU. [Foi aqui utilizada a seguinte edição de referência: \_\_\_\_\_. *Logik, ein Handbuch zu Vorlesungen*. Bd. 9, S. 11-150. In: *Kant's Gesammelte Schriften*. Hrsg. von der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften. Berlin und Leipzig: W. de Gruyter, 1923.].
- STUHLMANN-LAEISZ, R. 1976. *Kants Logik*. Eine Interpretation auf der Grundlage von Vorlesungen, veröffentlichten Werken und Nachlass. Berlin; New York: Walter de Gruyter.

Sistema de Avaliação: revisão por pares “duplo-cego” (Double Blind Review)  
Recebido em 20/11/2018. Aprovado em 09/03/2019.

Revista digital: [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos)



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.